

**TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA E RECONSTRUÇÃO EPISTÊMICA: EM BUSCA DE PROFUNDIDADE NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS EM ADMINISTRAÇÃO**

**MARIA JOSÉ DA SILVA FEITOSA**  
UFRPE-UAST

**MIGUEL EDUARDO MORENO ANEZ**

# TRIANGULAÇÃO METODOLÓGICA E RECONSTRUÇÃO EPISTÊMICA: EM BUSCA DE PROFUNDIDADE NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS EM ADMINISTRAÇÃO

## Resumo

Diante da iminente necessidade de melhor entender a complexidade dos fenômenos sociais e, concomitantemente, proporcionar qualidade aos estudos e gerar novos conhecimentos, é recomendável que os acadêmicos reflitam sobre seus posicionamentos paradigmáticos, pois a “guerra paradigmática” limita a geração de novos conhecimentos. No intuito de se alinhar às diretrizes de um mundo social complexo e multifacetado, a triangulação metodológica emerge como um mecanismo que pode ser adotado tanto para estudar em profundidade a complexidade de um fenômeno, quanto para promover qualidade na pesquisa. O presente estudo tem como objetivo apresentar o alinhamento ou convergência entre a triangulação metodológica e o processo de reconstrução epistêmica na busca de qualidade e profundidade nos estudos organizacionais. Para tanto, foi realizada uma investigação exploratória, de abordagem qualitativa, conduzida por meio de pesquisa bibliográfica. Os resultados apontam que tanto as ideias a respeito da reconstrução epistêmica quanto os estudos sobre triangulação metodológica estão preocupadas com a qualidade e o aprofundamento das investigações na Administração, como forma de gerar novos conhecimentos. A proposta apresentada neste ensaio mostra-se condizente com as ideias dos autores referenciados, no que concerne à integração de abordagens e métodos para facilitar a comunicação, promover a colaboração e fornecer pesquisas com qualidade e profundidade.

Palavras-chave: Triangulação; Triangulação Metodológica; Reconstrução Epistêmica.

## 1 INTRODUÇÃO

Apesar dos estudiosos assegurarem que a guerra de paradigmas chegou ao fim, é possível constatar, a partir do discurso de alguns acadêmicos, que ainda existem desentendimentos entre aqueles que dizem seguir e acreditar em dada abordagem paradigmática como sendo certa ou adequada. Assim, essa desavença paradigmática tem se propagado ao longo dos anos, de tal modo que, em pleno século XXI, é um desafio integrar visões de mundo distintas com o propósito de melhor entender a complexidade dos fenômenos sociais e, concomitantemente, proporcionar qualidade aos estudos.

Diante desse impasse, é recomendável que estudiosos e pesquisadores reflitam a respeito de seus posicionamentos, pois Paula (2016, p.34) alerta que “o clima bélico promovido pela “guerra paradigmática” tolhe a criatividade e oblitera o diálogo, dificultando a ampliação do nosso repertório de teorias e metodologias, bem como a unidade do conhecimento a partir dos interesses cognitivos”. A mesma autora defende ainda que “a guerra paradigmática é estéril porque tal lógica não se adequa às ciências sociais e aos estudos organizacionais, uma vez que as revoluções científicas não explicam como o conhecimento se desenvolve em nossa área” (Paula, 2016, p.26).

Com visão crítica, Paula (2016) recomenda, inclusive, o abandono de estudos que estimulam desavenças, como é o caso da proposta de Burrell e Morgan (1979), pois, apesar de ter possibilitado o vislumbre de outras possibilidades paradigmáticas, além do funcionalismo, tal proposição intensifica disputas acadêmicas em torno da incomensurabilidade paradigmática. Assim, Paula (2016, p.34) sugere “descartar o diagrama de paradigmas sociológicos de Gibson Burrell e Gareth Morgan, bem como a lógica de pensamento *kuhniana* por ele trazida”.

Nessa perspectiva, Johnson e Onwuegbuzie (2004) destacam que o atual mundo de pesquisa demonstra interdisciplinaridade, complexidade, dinamicidade e, dessa forma, os pesquisadores devem complementar um método com outro, procurando entender de múltiplos métodos utilizados por outros investigadores, como forma de facilitar a comunicação, promover a colaboração e fornecer pesquisas cada vez melhores.

No intuito de se alinhar às diretrizes de um mundo social complexo e multifacetado, a triangulação emerge como um mecanismo que pode ser adotado tanto para estudar em profundidade a complexidade de um fenômeno, quanto para promover qualidade e profundidade na pesquisa. Para tanto, é preciso considerar que distintos métodos, decorrentes de perspectivas paradigmáticas diferentes, podem ser visualizados de maneira integrada.

Nesse cenário, que preza pela pluralidade metodológica, insere-se a triangulação metodológica como sendo uma reivindicação epistemológica, na qual dados são gerados por meio da aplicação de dois ou mais métodos (Moran-ellis et al., 2006). Nessa perspectiva, esse tipo de triangulação pode ser utilizado tanto no intuito de se alcançar a compreensão dos fenômenos existentes em um mundo social complexo e multifacetado, quanto para promover qualidade na pesquisa.

O presente ensaio alerta para existência de alinhamento entre a triangulação metodológica e as ideias propostas por Paula (2016). Assim, este ensaio tem como objetivo apresentar o alinhamento ou convergência entre a triangulação metodológica e o processo de reconstrução epistêmica proposta por Paula (2016) na busca de qualidade e profundidade nos estudos organizacionais. Para tanto, foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva, de abordagem qualitativa, conduzida por meio de pesquisa bibliográfica.

Além desse conteúdo introdutório, este trabalho encontra-se estruturado da seguinte maneira: em um primeiro momento será abordado o modelo de categorização dos campos paradigmáticos de Burrell e Morgan (1979), em seguida o modelo das matrizes epistemológicas de Paula (2016). Posteriormente, será abordado o tópico triangulação, seguido das considerações finais e referências.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO E DISCUSSÃO

### 2.1 O modelo de categorização dos campos paradigmáticos de Burrell e Morgan (1979)

A perspectiva teórica de Burrell e Morgan (1979) defende que o campo da teoria organizacional é permeado por distintas posições epistemológicas e ontológicas que constituiriam posições metateóricas no desenvolvimento científico da análise organizacional (Caldas, 2005). O modelo aponta para a possibilidade da existência simultânea desses quase paradigmas, os quais influenciam teorias que estão presas por seus pressupostos e que ignorariam as demais esferas concorrentes (Caldas, 2005).

Nesse modelo de categorização dos campos paradigmáticos, Burrell e Morgan (1979) apresentam dois eixos que representam de um lado os pressupostos metateóricos opostos relativos à natureza da ciência (objetivismo versus subjetivismo) e, do outro, as premissas metateóricas referentes à natureza da sociedade (sociologia da regulação versus sociologia da mudança radical) (Caldas, 2005). A sociologia da mudança radical questiona as forças opressoras que agem sobre o homem, ou seja, dá ênfase à libertação do homem da estrutura que atrapalha seu progresso (Rocha et al., 2011). Tal modelo resulta em um diagrama com quatro paradigmas, a saber: funcionalismo, interpretativismo, estruturalismo radical e humanismo radical. Estes estão explanados no diagrama a seguir (Quadro 01), conforme Burrell e Morgan (1979, p.22) e Morgan (2005, p. 60-62)

<b>Sociologia da Mudança Radical</b>	
<b>HUMANISMO RADICAL</b>	<b>ESTRUTURALISMO RADICAL</b>
<p>Enfatiza como a realidade é socialmente construída e sustentada, mas vincula sua análise ao interesse no que pode ser descrito como patologia da consciência, por meio da qual os seres humanos se tornam aprisionados nos limites de realidade que eles mesmos criam e sustentam. Essa perspectiva é baseada na visão de que o processo de criação da realidade pode ser influenciado por processos físicos e sociais que canalizam, restringem e controlam a mente dos seres humanos de maneira a aliená-los em relação às potencialidades inerentes à sua verdadeira natureza de seres humanos. A crítica humanista radical contemporânea enfoca os aspectos alienadores de vários modos de pensamento e ação que caracterizam a vida nas sociedades industriais. Os conceitos que o teórico funcionalista pode considerar como os blocos de construção da ordem social e da liberdade humana são, para o humanista radical, modos de dominação ideológica. O humanista radical está preocupado em descobrir como as pessoas podem ligar pensamento e ação (<i>práxis</i>) como um meio de transcender sua alienação.</p>	<p>É baseada na visão da sociedade como uma força potencialmente dominante. No entanto, é ligada a uma concepção materialista do mundo social, definido por estruturas sólidas, concretas e ontologicamente reais. A realidade é vista como existindo por sua própria conta independentemente do modo como é percebida e reafirmada pelas pessoas em suas atividades diárias. Essa realidade é vista como caracterizada por tensões e contradições intrínsecas entre elementos em oposição, os quais, inevitavelmente, levam a mudanças radicais no sistema como um todo. O estruturalista radical está preocupado em entender essas tensões intrínsecas e o modo como os que possuem o poder na sociedade procuram se manter nessa posição por meio de diversos modos de dominação.</p>
<b>INTERPRETATIVISMO</b>	<b>FUNCIONALISMO</b>
<p>É baseado na visão de que o mundo social possui uma situação ontológica duvidosa e de que o que se passa como realidade social não existe em qualquer sentido concreto, mas é um produto da experiência subjetiva e intersubjetiva dos indivíduos. A sociedade é entendida a partir do ponto de vista do participante em ação, em vez do observador. O teórico social interpretativista tenta entender os processos pelos quais as múltiplas realidades compartilhadas surgem, se sustentam e se modificam. Como a abordagem funcionalista, a interpretativa se baseia na suposição e na crença de que há um padrão implícito e uma ordem no sistema social; no entanto, o teórico interpretativo vê a tentativa funcionalista de estabelecer uma ciência social objetiva como um fim inalcançável. A ciência é vista como uma rede de jogos de linguagem, baseada em grupos de conceitos e regras subjetivamente determinados, que os praticantes da ciência inventam e seguem. A situação do conhecimento científico é vista, portanto, como tão problemática quanto o conhecimento cotidiano do senso comum.</p>	<p>Assume que a sociedade tem existência concreta e real e um caráter sistêmico orientado para a produção de um sistema social ordenado e regulado, incentivando uma abordagem à teoria social que dá ênfase ao entendimento do papel dos seres humanos em sociedade. Vislumbra-se o comportamento como algo demarcado pelo contexto em um mundo real de relacionamentos sociais tangíveis e concretos. As suposições ontológicas incentivam a crença na possibilidade de uma ciência social objetiva e livre de valores, na qual o cientista se distancia da cena que investiga por meio do rigor e das técnicas dos métodos científicos. A perspectiva funcionalista é primordialmente reguladora e prática em sua orientação básica, e está preocupada em entender a sociedade de maneira a gerar conhecimento útil.</p>
<b>Sociologia da Regulação</b>	

SUBJETIVO

OBJETIVO

Quadro 01 – Diagrama de Burrell e Morgan (1979)

Fonte: elaborado a partir de Burrell e Morgan (1979, p.22) e Morgan (2005, p. 60-62)

Para elaborar tal diagrama, Burrell e Morgan (1979) levam em conta quatro pressupostos básicos relativos à natureza das ciências sociais, quais sejam: realismo versus nominalismo, positivismo versus anti-positivismo, determinismo versus voluntarismo, teoria nomotética versus teoria ideográfica, os quais estão explicitados a seguir, conforme Paula (2016, p.28):

<b>PRESSUPOSTOS BÁSICOS RELATIVOS À NATUREZA DAS CIÊNCIAS SOCIAIS</b>	
Realismo versus Nominalismo: o debate ontológico.	A posição realista defende que o mundo social externo e a cognição individual é um mundo real constituído de estruturas rígidas, tangíveis e relativamente imutáveis. A posição nominalista, por sua vez, tem como pressuposto que o mundo social externo e a cognição individual são constituídos por nomes, conceitos e rótulos utilizados para estruturar a realidade.
Positivismo versus antipositivismo: o debate epistemológico.	A posição positivista é utilizada para caracterizar epistemologias que tentam explicar e prever o que acontece no mundo social por meio de regularidades e relacionamentos causais entre os seus elementos constituintes. Além disso, o positivismo é essencialmente baseado em abordagens tradicionalmente utilizadas nas ciências naturais. A posição antipositivista se coloca contra a utilidade de buscar leis ou identificar regularidades no mundo social. Para os antipositivistas, o mundo social é essencialmente relativista e somente pode ser entendido a partir do ponto de vista dos indivíduos diretamente envolvidos nele: a posição do investigador como um observador, típica do positivismo, é rejeitada e a absoluta objetividade das ciências também;
Determinismo versus Voluntarismo: o debate da natureza humana.	A visão determinista afirma que o homem e suas atividades são completamente determinados pela situação ambiental na qual eles se inserem; já a visão voluntarista considera o homem completamente autônomo e autodeterminado.
Teoria Nomotética versus Teoria Idiográfica: o debate metodológico.	A abordagem nomotética prefere basear a pesquisa em um protocolo sistemático e técnico, valorizando métodos empregados nas ciências naturais como os testes de hipóteses, bem como a generalização e o rigor científico. A abordagem idiográfica da ciência social, por sua vez, é baseada na visão de que só é possível obter conhecimento de primeira-mão do sujeito sob investigação, de modo que valoriza o seu <i>background</i> e sua história de vida, além de enfatizar a análise das questões subjetivas e os seus <i>insights</i> .

Quadro 02 - Pressupostos básicos relativos à natureza das ciências sociais

Fonte: adaptado de Paula (2016, p.28)

Conforme Caldas (2005), para Burrell e Morgan, o diagrama formado pela sobreposição dos referidos eixos determina quatro principais paradigmas que, segundo estes mesmos autores, são capazes de embasar a análise organizacional. Estes autores argumentam que “o desconhecimento dessa realidade paradigmática inconsciente e indiscutida, bem como a aceitação tácita quase hegemônica do paradigma funcionalista, estariam aprisionando e limitando o desenvolvimento do campo”. (Caldas, 2005, p.55)

Para Santos (2017), a proposição de Burrell e Morgan (1979) é taxada de concepção dualista, fragmentada e rígida da ciência. Conforme Caldas (2005), alguns críticos apontam que o modelo de paradigmas simultâneos proposto por Burrell e Morgan incitou a propagação de visões concorrentes ou pelo menos disseminação e aceitação no campo. Por outra parte,

acarretou em polarização e segregação. “Assim, ao evidenciar diferenças elementares, Burrell e Morgan promoveram a segregação das perspectivas” (Caldas, 2005, p.56).

Apesar da contribuição evidente dos estudos de Burrell e Morgan (1979), na medida em que demonstraram a existência de outras possibilidades para além do funcionalismo e na disseminação de estudos críticos e interpretativistas, Paula (2016, p.24) aponta que, com base em Thomas Kuhn e fundamentando-se na tese da incomensurabilidade dos paradigmas, “Gibson Burrell e Gareth Morgan elaboraram o diagrama dos paradigmas sociológicos, mas sua inserção na academia vem estimulando uma guerra paradigmática”.

Para Paula (2016), a inserção do diagrama de Burrell e Morgan (1979) apresenta aspectos positivos e negativos, visto que, se por um lado, colocou em cheque a supremacia funcionalista, a partir da proposição de paradigmas alternativos, por outro, intensificou as disputas acadêmicas em torno da incomensurabilidade paradigmática.

Segundo Paula (2016, p. 26), “a guerra paradigmática é estéril porque tal lógica não se adequa às ciências sociais e aos estudos organizacionais, uma vez que as revoluções científicas não explicam como o conhecimento se desenvolve em nossa área”. Paula (2016, p.34) sustenta que “o clima bélico promovido pela “guerra paradigmática” tolhe a criatividade e oblitera o diálogo, dificultando a ampliação do nosso repertório de teorias e metodologias, bem como a unidade do conhecimento a partir dos interesses cognitivos”.

Como forma de resolver esse impasse decorrente da incomensurabilidade, Paula (2016, p.34) recomenda “descartar o diagrama de paradigmas sociológicos de Gibson Burrell e Gareth Morgan, bem como a lógica de pensamento *kuhniana* por ele trazida” e empregar o círculo das matrizes epistêmicas, vislumbrado como uma alternativa imagética que não prende os pesquisadores em extremos de um contínuum, mas possibilita a dinâmica e o diálogo.

## 2.2 O modelo das matrizes epistemológicas de Paula (2016)

Segundo Paula (2016), o modelo das matrizes epistemológicas por ela propostas pode substituir a teoria *kuhniana* do desenvolvimento do conhecimento, a qual inspirou os “paradigmas sociológicos” de Burrell e Morgan (1979).

Motivada pelas ideias do livro “conhecimento e interesse” de Habermas, publicado em 1968, Paula (2016, p.26) defende em sua ideia que “o conhecimento não se desenvolve porque paradigmas rivais geram incomensurabilidades e engendram revoluções, mas porque os pesquisadores constatarem incompletudes cognitivas e realizam reconstruções epistêmicas”, as quais resultam em novas teorias e metodologias, podendo, em alguns casos, abarcar outras matrizes epistêmicas.

Nessa perspectiva, Paula (2016) afirma que os paradigmas dão lugar às matrizes epistêmicas, assim como a incomensurabilidade é substituída pelas incompletudes cognitivas e as reconstruções epistêmicas são consideradas, em detrimento das revoluções científicas. Assim, é proposta uma nova teoria do desenvolvimento do conhecimento ou uma inovação na forma de pensar a própria ciência (Paula, 2016).

Em sua proposta, Paula (2016) apresenta sistemas de produção do conhecimento, os quais são denominados abordagens sociológicas, que buscam uma identidade epistêmica e incorporam teorias e metodologias. No intuito de encontrar identidade, as abordagens sociológicas são orientadas por três matrizes epistêmicas, a saber: a matriz empírico-analítica, a matriz hermenêutica e a matriz crítica (Paula, 2016).

De acordo com Paula (2016), as ciências empírico-analíticas, denominadas nomológicas, são orientadas pelo interesse técnico e geram conhecimento para permitir a previsão e o controle de fatos sociais. Já as ciências hermenêuticas, a referida autora esclarece que são conduzidas pelo interesse prático, visam compreender os aspectos sociais a partir da comunicação e interpretação, e as ciências críticas são conduzidas pelo interesse

emancipatório e focam a transformação social. Sendo interdependentes, esses interesses cognitivos não deveriam ser tratados isoladamente na geração do conhecimento das ciências sociais, sobretudo, quando aplicadas (Paula, 2016).

Nessa linha de raciocínio, Santos (2017, p.210) argumenta que “todo o conhecimento científico, no contexto das ciências sociais, é ao mesmo tempo natural e social, local e global, filosófico e popular, já que busca conhecer a natureza humana”. Assim sendo, este mesmo autor afirma que na esfera da ciência pós-moderna, não há dicotomia entre ciências naturais e ciências sociais, muito menos entre ciência e arte, de tal forma que essa oposição somente é notada em uma perspectiva mecanicista da ciência.

Conscientes da incidência de incompletude cognitiva na operacionalização dos estudos organizacionais, o pesquisador deve procurar mecanismos que o ajudem no processo de reconstrução epistêmica. Uma alternativa está na aplicação da triangulação na execução dos estudos organizacionais. As ideias de Paula (2016) apresentadas anteriormente viabilizam e justificam a utilização da triangulação nas ciências sociais e nos estudos organizacionais.

### 2.3 Triangulação

Foi na navegação e na topografia que surgiu a ideia do que hoje se denomina triangulação, compreendida como um método para fixar uma posição (Cox & Hassard, 2005). Nesse contexto a triangulação é compreendida como um método para estabelecer a posição de um ponto C, por meio da observação de dois pontos A e B, já que dispondo das informações da distância entre A e B, é possível encontrar as distâncias entre B e C e entre A e C (DUARTE, 2009). Citando Stake (1995), Zappellini e Feuerschütte (2015) afirmam que a triangulação é uma técnica utilizada para determinar a posição de um navio no oceano a partir das posições de três estrelas no céu. “Outros autores fazem menção à agrimensura e à geodesia como origens do conceito” (Zappellini & Feuerschütte, 2015, p. 244).

Já no âmbito das ciências sociais e humanas, o termo “triangulação” é empregado de modo mais ambíguo e menos literal (Duarte, 2009). Conforme Figaro (2014), nas ciências sociais a noção de triangulação já vem sendo utilizada há algum tempo. “O termo “triangulação” começa a ser construído na área da psicologia por Campbell e Fiske (1959), que se propuseram completar ou testar empiricamente os resultados obtidos utilizando diferentes técnicas quantitativas” (Duarte, 2005, p.10).

No que concerne ao uso na triangulação nos estudos em Administração, Zappellini e Feuerschütte (2015) defendem que em um campo de conhecimento multifacetado, mas ainda desprovido de densidade metodológica, como é a Administração, a triangulação pode ser vislumbrada como um instrumento útil para a geração de conhecimentos embasados em metodologias que permitam a aproximação e a apreensão de fenômenos da realidade de forma abrangente e aprofundada. A seguir, no Quadro 03, constam mais alguns conceitos de triangulação, conforme Zappellini e Feuerschütte (2015, p.246):

Autor (es)	Conceito
Denzin (1970); Denzin e Lincoln (2005)	Combinação de metodologias diferentes para analisar o mesmo fenômeno, de modo a consolidar a construção de teorias sociais.
Patton (2002)	Combinação de diferentes fontes e métodos de coleta de dados.
Davidson (2005)	Combinação de diferentes fontes e métodos de coleta de dados, em que a análise desses dados é feita em conjunto, e não considerando dados individuais.
Flick (2009a; 2009c; 2013)	Combinação de diferentes métodos, grupos de estudo, ambientes, períodos de tempo e perspectivas teóricas para lidar com um fenômeno. Estudo de um tema e um problema de pesquisa com base em duas perspectivas privilegiadas, assumindo diferentes visões a respeito da questão de pesquisa e combinando diferentes tipos de dados sob a mesma abordagem teórica para a produção de mais conhecimento do que seria possível com base em uma só perspectiva.
Stake (2005; 2011)	Método que utiliza dados adicionais para validar ou ampliar as interpretações feitas pelo pesquisador, adotando diferentes percepções para esclarecer o significado por meio da repetição das observações ou interpretações.

Quadro 03 – Conceitos de triangulação

Fonte: Zappellini e Feuerschütte (2015, p.246)

A partir de 1970, as discussões sobre a triangulação ganham impulso e amplitude, sobretudo, após o trabalho de Norman Denzin (1970). Citando este autor, Flick (2009a) assume a triangulação como sendo a combinação de metodologias no estudo dos mesmos fenômenos, com a finalidade de mitigar as deficiências decorrentes da utilização de apenas um investigador ou método de estudo. Dessa forma, este autor transparece preocupação com a qualidade da pesquisa. Esse cuidado com a validade dos resultados de uma investigação é enfatizado por autores como Mathison (1988), Oppermann (2000), Guion (2002), Olsen (2004), Cox e Hassard (2005).

Além do foco na qualidade, alguns estudos apresentam um direcionamento reflexivo e preocupam-se, principalmente, com a resolução do problema de pesquisa e estudo aprofundado deste, no intuito de promover novos conhecimentos. Neste contexto, se inserem as perspectivas propostas de Flick (2009a) e Stake (2000), por exemplo. Para este último autor, a compreensão acerca da triangulação direciona-se à reflexão e ao interesse nas diferentes observações, interpretações e significados da realidade.

As duas perspectivas apresentadas acima, quais sejam: a busca pela qualidade, bem como a procura pelo conhecimento, são tratadas por alguns estudiosos como aspectos situados nas extremidades de um *continuum* formado de um lado por pragmatismo e de outro por reflexividade. É fato que ambas as perspectivas são diferentes, o que não implica que não possam se complementar, sobretudo, quando a ênfase é a efetivação de estudos que contribuam para geração de conhecimento com qualidade. Nesse sentido, Leão et al. (2009) destacam a necessidade do pesquisador, mesmo apresentando um posicionamento orientado à reflexividade ou ao pragmatismo, reconhecer a utilidade do outro lado do *continuum*, como forma de alcançar resultados de maior solidez em seus trabalhos.



Na literatura, encontram-se vários tipos de triangulação. No entanto, observa-se em alguns estudos, por exemplo, Denzin (1970), Mathison (1988), Ammenwerth et al. (2003), Johnson et al. (2007), Hussein (2009), Flick (2009a; 2009b), que quatro tipos são recorrentes: triangulação de dados, de investigadores, de teorias e, de métodos ou metodológica. A esses quatro tipos acrescenta-se a triangulação ambiental proposta por Guion (2002).

A triangulação de dados converge com a de métodos no que tange amplitude de aplicação, já que ambas são amplamente utilizadas. Porém, ambas divergem em relação à quantidade de recursos empregados para efetivação, uma vez que a primeira requer poucos recursos para ser realizada, enquanto a segunda demanda considerável soma destes.

Em se tratando ainda da quantidade de recursos exigida, a triangulação metodológica converge com a de investigadores e a teórica, já que todas essas necessitam de vários indivíduos e um período de tempo considerável para análise dos dados. Um ponto em que a triangulação de investigadores diverge da teórica está no fato desta última envolver, necessariamente, perspectivas profissionais procedentes de distintos campos de estudo. Por fim, a triangulação de ambientes diverge das demais técnicas expostas, uma vez que apresenta restrições de aplicabilidade e somente pode ser adotada quando há probabilidade dos resultados da pesquisa serem influenciados por algum fator ambiental.

Nos últimos anos a triangulação metodológica tem sido objeto de intensas discussões, notadamente, porque envolve abordagens paradigmáticas distintas que se situam entre o paradigma funcionalista e o interpretativista, que são considerados contrários por parte de muitos teóricos. Assim, os conflitos entre paradigmas podem ser facilmente visualizados quando se considera o problema da triangulação entre métodos, como sendo arraigada em paradigmas díspares (Modell, 2009).

Almejando um argumento capaz conciliar abordagens paradigmáticas, Modell (2009) assume que ambas são dotadas de fraquezas e, assim sendo, podem ser utilizadas conjuntamente, para que seus pontos fracos sejam anulados. Com base nesse argumento, as perspectivas paradigmáticas podem coexistir de maneira integrada, indicando assim uma conexão paradigmática (Hussein, 2009). Complementado esse entendimento, Kakkuri-Knuuttilla et al. (2008) observa que as práticas investigativas eventualmente podem estar situadas em uma “zona de transição” entre os paradigmas e não satisfazer estritamente os pressupostos filosóficos introduzidos nos mesmos.

A triangulação metodológica pode ser compreendida como a aplicação de múltiplos métodos para coleta e análise de dados sobre um fenômeno social (Ammenwerth et al., 2003; Mathison, 1988). Ainda de acordo com esses autores, a triangulação metodológica se distingue em: triangulação dentro de métodos, a qual combina abordagens da mesma tradição de pesquisa; e a triangulação entre métodos, a qual pode ocorrer tanto entre abordagens de tradições de pesquisa qualitativa e quantitativa, quanto entre diferentes métodos qualitativos.

Nesse contexto, é válido salientar que diversos pesquisadores se concentram na triangulação entre métodos, afirmando que esta se mostra satisfatória quando comparada à triangulação dentro de métodos. A preferência pela primeira (entre métodos) pode ser justificada conforme Flick (2009a) pelo fato de que diversas vezes os pontos fortes de um método são os pontos fracos de outro, de modo que ao serem ao mesmo tempo utilizados, possibilitam a supressão das deficiências originais, aproveitando-se os pontos positivos das duas partes.

A triangulação “dentro de métodos” recorre à adoção de várias abordagens metodológicas dentro de um mesmo método de pesquisa. Nesse caso, entende-se como método o procedimento que faz uso conjunto de distintas abordagens metodológicas dentro do mesmo método (Flick, 2009a).

Nesse tipo de triangulação a seleção do método e, conseqüentemente, das abordagens para efetivação de um estudo estão diretamente relacionadas ao tema da investigação e,

sobretudo, à questão de pesquisa, de tal forma que esta é considerada o fator determinante na escolha do método e abordagens em qualquer estudo.

A triangulação entre métodos é alvo de intensas discussões. Neste sentido, Flick (2009a) declara que dentre as abordagens de triangulação, a que chama mais atenção está em relacionar métodos distintos de pesquisa. Concordando com este autor, Mathison (1988) aponta que, em meio aos diversos tipos de triangulação existentes, a metodológica é a mais debatida entre os estudiosos.

Nesse contexto, é possível constatar, a partir das leituras realizadas, que há confusão e entendimentos equivocados por parte de alguns investigadores, no que concerne ao que é a triangulação entre métodos e qual seu propósito. São vários os que acreditam que esse tipo de triangulação decorre apenas da utilização simultânea de métodos qualitativos e quantitativos.

Dessa forma, desconsideram a possibilidade de concomitante adoção de diferentes métodos qualitativos. No intuito de superar essa visão errônea de alguns estudiosos, Flick (2009a) esclarece que associar diferentes métodos de pesquisa implica em utilizar uma abordagem de pesquisa, que utilize ao mesmo tempo dois ou mais métodos qualitativos, como por exemplo, a etnografia; ou ainda, combinar métodos qualitativos e quantitativos. Tudo isso, diz respeito à conjugação de distintos métodos de diferentes abordagens de pesquisa.

Outro equívoco de certos pesquisadores está em considerar que a triangulação “entre métodos”, tem a exclusiva finalidade de proporcionar qualidade às investigações, ignorando a possibilidade de se atingir profundidade em um estudo sobre determinado fenômeno e gerar novos conhecimentos. Apoiando-se em Flick (2009a), constata-se que a triangulação entre métodos pode ser usada também para expandir o conhecimento sobre determinado tema ou para avaliar resultados.

Se os dois forem ao mesmo tempo qualitativos ou quantitativos, diz-se que está utilizando métodos de mesma abordagem. Por outro lado, quando o pesquisador segue um método qualitativo e outro quantitativo, afirma-se que estão sendo adotadas abordagens diferentes.

Voltando-se para aplicabilidade da triangulação metodológica nos estudos científicos de Administração, podem-se citar os estudos de Zappellini e Feuerschütte (2015, p.256-266). Ao analisar artigos disponíveis nas revistas científicas publicadas na base de dados *Scielo*, abordando todos os números disponíveis na base até o ano de 2013, utilizando “triangulação” como palavra-chave para pesquisa, e verificando como a triangulação foi utilizada, tais autores encontraram os seguintes resultados sintetizados no Quadro 04, a seguir:

Autores	Objetivo do Trabalho
Gomes (2006)	Avaliar um modelo de gestão de competências implantado em uma organização há dez anos, por meio de um estudo de caso qualitativo e descritivo.
Hayashi Jr., Baraniuk e Bulgacov (2006)	Identificar e caracterizar os recursos utilizados em mudanças estratégicas e os impactos desses recursos sobre suas vantagens competitivas em três pequenas empresas de produção de massas alimentícias no Estado do Paraná.
Bastos e Macedo-Soares (2007)	Analisar o impacto de fatores macroambientais no desempenho das distribuidoras de gás canalizado CEG e CEG RIO sob a ótica relacional.
Paiva, Barbosa e Ribeiro (2009)	Identificar e classificar os atributos mais valorizados pelos clientes no relacionamento com bancos de varejo.
Barbosa et al. (2009)	Investigar a estrutura conceitual de um sistema de gestão de conhecimento no Instituto Nacional do Câncer (INCA).

Silva, Roglio e Silva (2010)	Verificar competências essenciais para o processo decisório em atividades de defesa em uma instituição militar.
Munck, Munck e Souza (2010)	Avaliar um modelo de gestão de competências implantado em uma organização há dez anos.
Costa, Borges e Brito e Freitas (2011)	Investigar sites de comunidades de consumidores dos produtos das editoras.
Botelho e Paiva (2011)	Verificar comprometimento organizacional de servidores de um Tribunal de Justiça.
Iizuka, Gonçalves-Dias e Aguirre (2012)	Discutir, com base na análise do caso do Programa de Manejo Agroambiental da bacia do rio Almada, a atuação de diversos atores no processo de desenvolvimento territorial sustentável sob as óticas da gestão social e da cidadania deliberativa.
Bulgacov, Santos e May (2012)	Analisaram as relações entre o planejamento estratégico e a configuração organizacional, abordando diferentes casos de empresas que disponibilizam e divulgam informações sobre o planejamento estratégico.
Abreu e Gomes (2013)	envolve uma dupla perspectiva sobre o objeto de estudo (orçamento público), já que um dos autores é um practitioner (está lotado junto à Secretaria de Orçamento Federal) e o outro é um acadêmico. Frente às características dos autores haveria, portanto, a oportunidade de se encontrar uma triangulação de investigadores, como descrito por Denzin.
Baracat e Nobre (2013)	Investigaram a participação social na construção de políticas públicas para o controle do HIV no Brasil.

Quadro 04-Evidências do uso da triangulação metodológica na pesquisa científica em Administração

Fonte: adaptado de Zappellini e Feuerschütte (2015, p. 256-266)

Foss e Ellefsen (2002) consideram desafiador o processo de integrar duas abordagens paradigmáticas em um mesmo estudo. A integração dessas visões de mundo, poderá também contribuir para evitar as confusões de muitos acadêmicos, no que se refere à triangulação metodológica propriamente dita e seus objetivos, tendo em vista que muitos a consideram como sendo apenas o uso simultâneo de métodos qualitativo e quantitativo, bem como tendo apenas o objetivo de proporcionar qualidade à pesquisa qualitativa.

Esses entendimentos distorcidos decorrem, notadamente, da separação existente entre a utilização de métodos de uma abordagem que se diz reflexiva, dos métodos da outra que afirma ser pragmática, como se cada uma delas estivesse situada nos extremos de um *continuum*. A Integração, nesta circunstância, significa um relacionamento específico entre dois ou mais métodos estão inter-relacionados uns com os outros almejando conhecer mais sobre determinado fenômeno (Moran-Ellis et al., 2006).

Essa integração entre eles é necessária, sobretudo, porque, assim como as abordagens paradigmáticas as quais pertencem, os métodos também apresentam fraquezas. Por um lado, métodos que dizem seguir uma orientação reflexiva, enfatizam a ampliação e profundidade do conhecimento por intermédio da compreensão profunda da questão em estudo. Por outro lado, métodos que seguem um direcionamento pragmático, focalizam a validade e objetividade da interpretação, dando ênfase a questões de qualidade do estudo.

Partindo do princípio de que a pesquisa científica precisa demonstrar, ao mesmo tempo, profundidade e qualidade, justifica-se então a integração entre reflexividade e pragmatismo na triangulação metodológica, conforme Figura 01, a seguir.

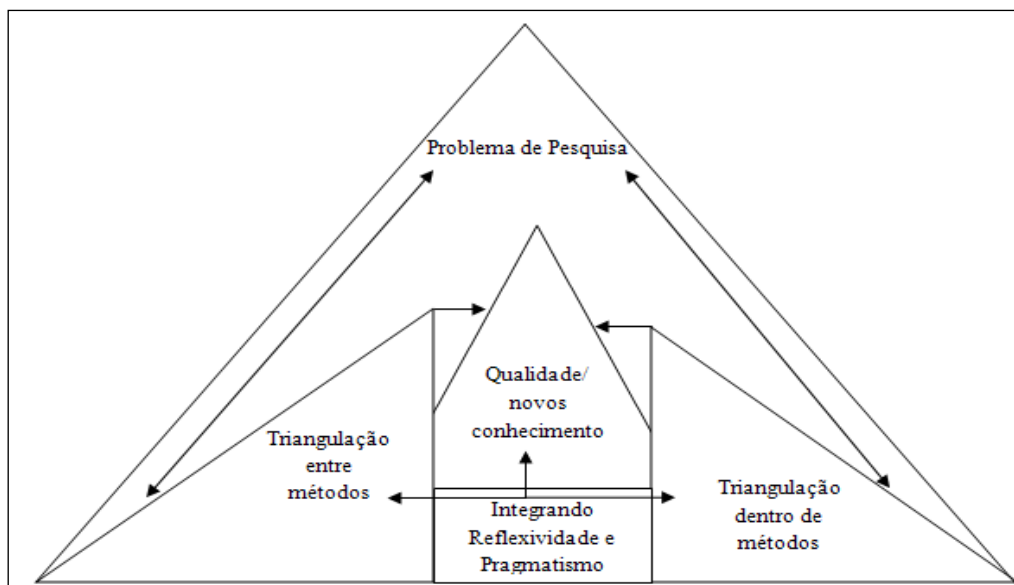


Figura 01 - esquema integrando reflexividade e pragmatismo

O problema de pesquisa que, não por acaso, está no topo da pirâmide delinea o projeto metodológico para efetivação do estudo. Em outras palavras, a escolha do tipo de triangulação metodológica (entre métodos; dentro de métodos; ou ambos) varia em função do problema de pesquisa. Este está ligado aos tipos de triangulação por meio de setas com fluxo duplo, as quais indicam que a escolha do método depende do problema, da mesma forma que este será influenciado pelo método à medida que o objetivo da investigação for atingido.

Na base da Figura 01, está a reconstrução epistêmica decorrente da integração entre reflexividade e pragmatismo, como aspecto fundamental na promoção simultânea de qualidade na pesquisa e geração de novos conhecimentos. Esses objetivos serão atingidos à medida que, os dois tipos de triangulação metodológica incorporam a ideia de integração proposta. Nesse caso, a triangulação metodológica é um mecanismo que intermedia o alcance de qualidade de geração de novos conhecimentos.

#### 4 CONCLUSÃO

A proposição de estudos que possibilitem à pesquisa científica ampliar seu escopo de compreensão para além das discussões paradigmáticas, pode ser vislumbrada como sendo um primeiro passo rumo ao que Moran-Ellis et al. (2006) denominou de pluralidade metodológica e epistemológica.

Assim, não há uma abordagem melhor que a outra, visto que as mesmas apresentam pontos fortes e fracos. Estes podem ser utilizados de maneira estratégica, à medida que são integrados em um processo de reconstrução epistêmica, para que os pontos fortes de uma anulem os fracos da outra, e, dessa forma, seja possível gerar conhecimentos com qualidade. Essa integração de métodos e consequentemente de abordagens, sem dúvidas, resultará numa nova maneira de ver um fenômeno social.

Assim, a proposta apresentada mostra-se condizente com as ideias dos autores referenciados, no que concerne à integração de abordagens e métodos para facilitar a comunicação, promover a colaboração e fornecer pesquisas cada vez mais superiores em

termos de qualidade e profundidade, considerando que o atual mundo de pesquisa demonstra interdisciplinaridade, complexidade e dinamicidade, os quais são aspectos que demandam cada vez mais flexibilidade.

Ademais, é importante salientar que o esquema sugerido está alinhado ao entendimento dos estudiosos referenciados, sobretudo, de Moran-Ellis et al. (2006) e Paula (2016). Além disso, está apoiado no argumento de Flick (2009a), que se refere à triangulação metodológica, especificamente, entre métodos, como um meio que pode ser usado tanto para expandir o conhecimento sobre determinado tema quanto para avaliar resultados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMMENWERTH, E.; ILLER, C.; MANSMANN, U. (2003) Can evaluation studies benefit from triangulation? A case study. *International Journal of Medical Informatics*. v. 72, p. 237-248.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. (1992) Sociological paradigms and organizational analysis: elements of the sociology of corporate life. *Vermont: Ashgate Publishing*, pp. VIII-37.
- CALDAS, M. P. (2005) Paradigmas em estudos organizacionais: uma introdução à série. *Revista de Administração de Empresas*, v.45, n.1, p.53-57.
- COX, J. W.; HASSARD, J. (2005) Triangulation in Organizational Research: A Representation. v. 12, n. 01, p. 109-133. Londres: *Sage Publications*.
- DUARTE, T. (2009) A possibilidade de investigação a 3: reflexão sobre a triangulação (metodológica), *Centro de Investigação e Estudos de Sociologia*. CIES e-WORKING PAPER N. ° 60/2009, Lisboa, Portugal.
- FIGARO, R. (2014) A triangulação metodológica em pesquisas sobre a comunicação no mundo do trabalho. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, v.16, n.2, p. 124-131, 2014.
- FLICK, U. (2009a) *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- FLICK, U. (2009b) *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009b.
- FOSS, C.; ELLEFSEN, B. (2002) The value of combining qualitative and quantitative approaches in nursing research by means of method triangulation. *Journal of Advanced Nursing*, v. 40, n. 2, p. 242-248.
- GUION, L. A. (2002) Triangulation: Establishing the Validity of Qualitative Studies. *University of Florida*. Flórida: Extension Publications, p. 1-3.
- HUSSEIN, A. (2009) The use of Triangulation in Social Sciences Research: Can qualitative and quantitative methods be combined? *Journal of Comparative Social Work*, v. 01, p 1-12.
- JOHNSON, R. B.; ONWUEGBUZIE, A. J. (2004) Mixed Methods Research: A Research Paradigm Whose Time Has Come. *Educational Research*, v. 33, n. 07, p. 14-26.
- KAKKURI-KNUUTILA, M. L.; LUKKA, K.; KUORIKOSKI, J. (2008) Straddling between paradigms: a naturalistic philosophical case study on interpretive research in management accounting. *Accounting, Organizations and Society*. v. 33, p. 267–291.
- LEÃO, A. L. M. S.; MELLO, S. C. B.; VIEIRA, R. S. G. (2009) O papel da teoria no método de pesquisa em administração. *Organizações em Contexto*, v.05, n. 10, Julho-dezembro.
- MATHISON, S. (1988) Why Triangulate? *Educational Research*. v. 17, n. 02, p. 13-17, 1988.
- MODELL, S. (2009) In defence of triangulation: A critical realist approach to mixed methods research in management accounting. *Management Accounting Research*, v. 20, p. 208-221.
- MORAN-ELLIS, J.; ALEXANDER, V. D.; CRONIN, A.; DICKINSON, M.; FIELDING, J.; SLENEY, J.; THOMAS, H. (2006) Triangulation and integration: processes, claims and implications. *Qualitative Research*, v. 06, n. 01, p. 45-59, Londres: Sage Publications.
- MORGAN, G. (2005) Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na Teoria das Organizações. *Revista de Administração de Empresas*, v.45, n.1, p. 58-71.

- MUNK, L.; SOUZA, R. B. (2010) Estudos organizacionais: uma relação entre paradigmas, metanarrativas, pontos de interseção e segmentações teóricas, *Pretexto*, v.11, n.2, p. 95-112, Belo Horizonte.
- OLSEN, W. (2004) Triangulation in Social Research: qualitative and quantitative methods can really be mixed. In: *Developments in Sociology*, p. 01-30, Ormskirk: Causeway Press.
- OPPERMANNT, M. (2000) Triangulation – A Methodological Discussion. *International Journal of Tourism Research*, v. 2, p. 141-146.
- PAULA, A. P. P. (2016) Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o círculo das matrizes epistêmicas, *Cadernos EBAPE.BR*, FGV EBAPE, v. 14, n.1, Rio de Janeiro.
- ROCHA, D. C.; FERRAZ, S. B.; CABRAL, A. C. A.; SANTOS, S. M.; PESSOA, M. N. M. (2011) Teoria Crítica e Pós-Modernismo: Principais Paradigmas e Produção Científica no Brasil. In: *Anais... III Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade – EnEPQ*, João Pessoa – PB.
- SAMPIERI, R. H.; FERNÁNDEZ-COLLADO, C.; LUCIO, P. B. (2013) *Metodología de la Investigación*. 5ª edição. McGraw-Hill/INTERAMERICANA S.A.
- SANTOS, E. L. (2017) O campo científico da administração: uma análise a partir do círculo das matrizes teóricas, *Cadernos EBAPE.BR*, FGV EBAPE, v. 15, n.2, Rio de Janeiro.
- STAKE, R. E. (2005) Qualitative case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.) *The Sage handbook of Qualitative Research*. 3rd ed. p. 443-466, Thousand Oaks: Sage Publications.
- ZAPPELLINI, M. B.; FEUERSCHÜTTE, S. G. (2015) O uso da triangulação na pesquisa científica brasileira em Administração. *Administração Ensino e Pesquisa*, v.16, n.2, Rio de Janeiro, p.241-273, Rio de Janeiro.